



Introdução: 50 mil comprimidos

1. A planta da alegria
2. O monstro de Lady Mary
3. Mickey Finn
4. Como tratar a tosse com heroína
5. Balas mágicas
6. O território menos explorado do planeta

Interlúdio

A era de ouro

7. Sexo, drogas e mais drogas
8. O anel encantado
9. Estatinas: Uma história pessoal
10. A perfeição do sangue

Epílogo

O futuro das drogas

Fontes

Referências bibliográficas

Autor

Créditos

Para Jackson, Zane e Elizabeth

INTRODUÇÃO

50 mil comprimidos

Numa viagem de trabalho realizada anos atrás, passei um dia a mais em Londres. Assim como vários turistas, fui ao British Museum. E lá me deparei com algo extraordinário.

No térreo, numa galeria ampla e bem iluminada, havia uma mesa com milhares de comprimidos. Era uma exposição concebida por um artista e um médico que tinham elaborado uma maneira de mostrar todas as 14 mil doses de remédios prescritos que um inglês médio consumia ao longo da vida. Esses comprimidos, entrelaçados em um longo pedaço de tecido, e acompanhados por textos explicativos, cobriam uma mesa de catorze metros. Não pude crer no que estava vendo. As pessoas tomavam mesmo essa quantidade toda de comprimidos?

A resposta é: Não. Elas tomam mais. Essa exposição dizia respeito à Inglaterra. E quando se trata de consumo de remédios, a Inglaterra não chega nem perto dos Estados Unidos. Mais da metade de todos os norte-americanos toma pelo menos um remédio sob prescrição médica regularmente, e a maioria ingere mais de um (algo entre quatro e doze receitas por pessoa ao ano, dependendo do estudo). Um especialista calcula que os americanos tomam, em geral, dez comprimidos por pessoa por dia. Acrescente remédios que não precisam de receita — vitaminas, medicamentos para febre e resfriado, aspirina e outros suplementos — e faça a conta: digamos, jogando para baixo, que um americano tome dois comprimidos por dia e que viva aproximadamente até os 78 anos de idade. O total chega, em média, a mais de 50 mil comprimidos na vida de um americano médio. E há chance de ser muito mais. Os Estados Unidos consomem mais produtos farmacêuticos que qualquer outro país do mundo, e também gastam muito mais com eles:

acima de 34 bilhões de dólares a cada ano com medicamentos de venda livre e 270 bilhões de dólares com os vendidos com receita. É muito mais do que qualquer outra nação gasta, porque os preços dos remédios nos Estados Unidos são mais elevados do que em qualquer outro país. Os americanos constituem menos de 5% da população mundial, mas são responsáveis por 50% do dinheiro que as indústrias farmacêuticas arrecadam.

E isso sem contar as drogas ilegais.

Nenhum país na história da humanidade tomou tantos remédios ou gastou tanto dinheiro para obtê-los quanto os Estados Unidos atualmente. E os remédios causaram efeitos profundos. Aumentaram nossa expectativa de vida em décadas e tiveram um papel central no nosso envelhecimento. Mudaram as opções sociais e profissionais das mulheres. Alteraram a maneira como vemos nossa mente, modificaram nossas atitudes em relação à lei, transformaram as relações internacionais e provocaram guerras.

Levando tudo isso em conta, talvez devêssemos renomear nossa espécie como *Homo pharmacum*, a espécie que fabrica e toma drogas. Somos o Povo do Comprimido.

Este livro mostrará como chegamos a esse ponto, abordando as drogas médicas (isto é, legais, não recreativas e, em sua maioria, vendidas com receita). Escrito como uma série de esquetes breves e vívidos, apresentará uma espécie de minibiografias de dez remédios que mudaram a história da medicina, ligadas por temas em comum, com cada história levando à próxima.

Um desses temas é a evolução dos remédios. A palavra “drug” [droga, em inglês] vem de termos arcaicos do francês e do holandês para os barris usados para manter as ervas secas. Os farmacêuticos de 150 anos atrás eram, em muitos sentidos, como os herboristas de hoje, extraíndo e criando seus medicamentos a partir de plantas secas. Isso forneceu aos médicos no século XIX dezenas de remédios naturais mais ou menos eficazes para ajudar os pacientes (além de centenas de preparados inúteis, em geral elixires com muito álcool, cataplasmas e pílulas elaborados

e vendidos de forma sensacionalista pelos farmacêuticos locais). Hoje temos mais de 10 mil remédios de alta tecnologia, cada vez mais poderosos e específicos, que podem tratar e muitas vezes curar enfermidades que desnortearam curandeiros ao longo de milhares de anos.

Ligada a essa evolução e guiando a sua trajetória, está a busca da humanidade por balas mágicas, remédios que possam localizar com precisão as doenças no nosso corpo e destruí-las, sem causar nenhum dano à nossa saúde no processo. O objetivo sempre foi encontrar medicamentos poderosos, mas sem nenhum risco. Isso é, muito provavelmente, um desafio impossível. Não encontramos a bala perfeita. Mas continuamos, pouco a pouco, nos aproximando dela.

Outro fio que une esses capítulos diz respeito ao crescimento da indústria que produz esses medicamentos — o gigante de trilhões de dólares que os críticos apelidaram de “Big Pharma” — e às mudanças no modo de regulamentar essa indústria. Por exemplo, na década de 1880, você podia conseguir o remédio que quisesse sem receita, incluindo misturas que continham ópio, cocaína e cannabis. Agora você precisa de receita para quase qualquer remédio poderoso, e mesmo com prescrição não se pode comprar narcóticos como heroína (bom, pelo menos não nos Estados Unidos). Os produtores de drogas eram capazes de pôr o que quisessem no mercado antes de 1938, desde que não matasse, e não tentavam iludi-lo com propagandas enganosas. Hoje, os remédios sob prescrição médica precisam provar que são seguros e eficazes antes de poderem ser comercializados. As leis que controlam as drogas evoluíram, de maneiras às vezes surpreendentes, junto com os remédios em si.

Nossas atitudes também mudaram. Na década de 1880, a maioria das pessoas considerava o direito à automedicação algo quase inalienável. Pouco importava se a droga fazia bem ou mal, a decisão era sua, não do seu médico. Se você quisesse comprar um dos vários horrores da medicina disponíveis nas farmácias locais, que iam de água radioativa para câncer a xaropes cheios de ópio para insônia, bom, o corpo era seu. Ninguém tinha

direito de afirmar o contrário.

Hoje isso mudou por completo. Os médicos têm as chaves (na forma do receituário) para obter a maioria dos medicamentos. Hoje, quando se trata de tomar os nossos remédios, basicamente fazemos o que nos mandam.

Os remédios também mudaram a prática da medicina. Nos anos 1880, os médicos eram conselheiros de família, bons em diagnosticar enfermidades e reconfortar e aconselhar parentes, mas quase não tinham poder para enfrentar as doenças fatais. Os médicos de hoje salvam vidas de maneiras miraculosas, com as quais seus colegas de cem anos atrás só poderiam sonhar. Com frequência, são também tecnocratas cheios de dados e sem horários para consultas, que se sentem mais confortáveis lendo resultados laboratoriais do que segurando a mão de um paciente.

Ao longo dos últimos sessenta anos, a expectativa média de vida dos americanos aumentou cerca de dois meses a cada ano — em grande parte por causa dos remédios. Vacinas nos permitiram dominar inimigos antigos como a varíola (e estamos quase erradicando a poliomielite). A prescrição de drogas e os avanços na saúde pública nos fizeram viver mais e, de modo geral, com uma saúde melhor.

Não que não existam grandes riscos. Overdoses de remédios, tanto de fontes legais quanto ilegais, matam cerca de 64 mil pessoas por ano, um número que ultrapassa as baixas do Exército americano na Guerra do Vietnã durante todo o conflito.

Eis o que as drogas fizeram por nós: nos maus e velhos tempos, digamos, duzentos anos atrás, os homens viviam praticamente duas vezes mais que as mulheres (em grande parte por causa do perigo que era ter filhos). E todos, em geral, viviam cerca da metade do tempo que hoje. Muitos morriam jovens. Os bebês eram considerados sortudos se aguentassem os riscos e traumas do nascimento, sobrevivessem a epidemias da infância — varíola, catapora, coqueluche, difteria, entre outras — e chegassem à vida adulta. A partir de então podiam morrer de tuberculose, abscesso peritonsilar, cólera, erisipela, gangrena, hidropisia, sífilis, escarlatina ou qualquer uma das dezenas de

doenças sobre as quais já não ouvimos falar tanto. Hoje morremos em consequência de problemas cardíacos ou câncer, doenças que atingem pessoas de meia-idade ou idosos. Antigamente as pessoas não se preocupavam muito com essas enfermidades, porque poucos viviam o bastante para contraí-las. Um grupo de cientistas escreveu recentemente que graças aos remédios “as pessoas têm doenças diferentes, os médicos têm ideias diferentes em relação a essas doenças, e as doenças contêm significados diferentes na sociedade”.

Como você verá neste livro, as vacinas e os antibióticos fizeram com que deixássemos de ser vítimas desamparadas de epidemias, tornando-nos capazes de enfrentá-las. Combinados com medidas de saúde pública mais eficazes — água potável, sistemas de esgoto e hospitais melhores —, os remédios fizeram com que parássemos de temer as doenças da infância e de sofrer com as enfermidades da velhice. Isso é um tributo à medicina em geral, e aos remédios em particular.

Ambos são ferramentas tecnológicas capazes de mudar a nossa cultura. Mas quando você começa a pensar nisso, nota que as drogas são ainda mais estranhas. Os fármacos de hoje são produtos de alta tecnologia, desenvolvidos em laboratórios de ponta, com investimentos de dezenas de milhões de dólares, mas são substâncias tão íntimas e pessoais que precisam se tornar parte de você para fazerem efeito. Você precisa cheirá-las, bebê-las, ingeri-las, injetá-las, esfregá-las na pele, torná-las parte de seu corpo. Elas se dissolvem dentro de você e correm por sua corrente sanguínea, do músculo ao coração, do fígado ao cérebro. Só quando são absorvidas, quando se mesclam e se fundem dentro de você, seu poder é liberado. Então, elas podem se agrupar e se ativar, trazer alívio e acalmar, destruir e proteger, alterar a sua consciência, restaurar a sua saúde. Podem deixá-lo perturbado ou relaxado. Podem viciá-lo, e podem salvar a sua vida.

E o que dá esse poder às drogas? Elas são animais, vegetais ou minerais? Todas as respostas acima. Fazem bem? Frequentemente. São perigosas? Sempre. Podem realizar

milagres? Sim. Podem nos escravizar? Algumas, sim.

Então, quanto mais poderosos os medicamentos, mais poderosos se tornam os médicos, e mais doenças são controladas. Vista dessa maneira, a história dos remédios parece uma marcha triunfante rumo ao progresso. Mas não se engane: boa parte da história das drogas, como você verá, está calcada em erros, acidentes e avanços alcançados por golpes de sorte.

Escrever este livro, no entanto, me convenceu de que o bom e velho progresso também teve um papel central, caso você defina progresso como a aplicação lógica e racional de um número crescente de fatos testados. Cada nova droga nos conta coisas novas sobre o corpo humano, e cada nova compreensão do corpo nos permite elaborar medicamentos melhores. Quando o sistema está funcionando direito, toda descoberta científica é avaliada, testada diversas vezes, corrigida se necessário, e passa a integrar uma biblioteca global de fatos, disponível para outros cientistas. É uma construção contínua. Essa sinergia entre a elaboração de remédios e a ciência básica, essa dança entre laboratório, comprimido e corpo, descrita em dezenas de milhares de publicações ao longo dos últimos três séculos, estão agora entrando num ritmo mais acelerado e crescendo em intensidade. São de fato progressivas. Se conseguirmos evitar que nosso mundo se despedace, estamos à beira de descobertas ainda maiores.

Vou dizer o que este livro não é.

Não é uma história acadêmica da indústria farmacêutica. Não traz notas de rodapé e ignora — por necessidade e brevidade — muitos desenvolvimentos de drogas que sacudiram o mundo. Mas você encontrará vários dos remédios que moldaram tanto a história da medicina quanto o mundo de hoje. E espero que, depois da leitura, você compreenda melhor essa parte fascinante da sociedade.

Não é um livro que ensinará algo de novo aos cientistas que trabalham com medicamentos, porque não foi escrito para

cientistas. Pelo contrário, é um livro para pessoas que sabem só um pouco do assunto e querem aprender mais. Tem como alvo o público em geral, não o especialista — embora eu espere que os especialistas também possam encontrar aqui novas e interessantes histórias para contar.

Não é um livro que vai deixar os fabricantes de medicamentos felizes. Ou os lobistas pró-indústria farmacêutica. Ou os ativistas contrários a ela. Não se trata nem de uma denúncia dos horrores da indústria, nem de um elogio às maravilhas da ciência. Não tenho nenhum interesse nem uma agenda para promover.

A minha esperança é apenas entreter o leitor e apresentá-lo a um novo mundo — o da descoberta das drogas —, de maneira que não apenas explique uma boa parte da história da medicina, mas também algo de nossas vidas nos dias de hoje, desde nossa relação com os médicos, as propagandas que vemos na TV, a epidemia de abuso de opioides, até as possibilidades de remédios personalizados. As indústrias farmacêuticas têm lucros incríveis, e, no entanto, muitos de nós não podemos comprar os medicamentos de que precisamos. Este livro vai te fazer pensar sobre o porquê disso.

Se há uma lição importante que espero deixar para você, é esta: nenhuma droga é boa, nenhuma droga é má. Todas são ambas as coisas.

Outro modo de dizer isso é que todo remédio eficaz, sem exceção, também traz efeitos colaterais potencialmente perigosos. Pode ser fácil se esquecer disso no primeiro surto de entusiasmo quando um novo medicamento chega ao mercado. Impulsionados por campanhas publicitárias enormes, e muitas vezes apoiados por matérias eufóricas na mídia, novos medicamentos entram no que é chamado de ciclo Seige (uma homenagem a Max Seige, um pesquisador alemão que descreveu o ciclo no começo do século passado). É uma situação que se repete: um remédio novo e incrível chega ao mercado, desperta grande entusiasmo, é amplamente adotado (esse é o estágio 1 do ciclo Seige). Poucos anos após esse período de lua de mel, surge

um número crescente de artigos negativos sobre os perigos do medicamento, cujas vendas continuam altas (estágio 2). De repente, todos temem que o remédio milagroso de ontem seja a grande ameaça de hoje. Essa fase também passa, e chegamos ao estágio 3: uma atitude mais equilibrada, com uma compreensão mais sóbria sobre o que o remédio de fato pode realizar, as vendas se estabilizam num patamar moderado, e o medicamento finalmente ocupa seu devido lugar no panteão das drogas.

E então, *tcharam!*: uma empresa lança o próximo remédio milagroso, e o ciclo recomeça. Quando você escutar a próxima notícia sobre um novo medicamento revolucionário, lembre-se do ciclo Seige.

Quanto às dez drogas que escolhi para destacar, você provavelmente reconhecerá algumas, enquanto outras serão novidades. A ideia geral para este livro partiu do meu talentoso editor, Jamison Stoltz, mas a lista final é minha.

Não quis apenas repetir a lista dos “grandes sucessos” de remédios ao longo da história. Então deixei de fora alguns dos mais citados — aspirina e penicilina, por exemplo —, porque já se escreveu muito sobre eles. Em vez disso, você encontrará capítulos surpreendentes tratando de drogas menos conhecidas (mas muito importantes), como o hidrato de cloral (as gotas de nocaute, usadas em muitos lugares e situações, desde consultórios médicos ao bar de Mickey Finn) e a CPZ (o primeiro antipsicótico, o remédio que esvaziou os antigos hospícios), junto com uma pitada de drogas mais conhecidas, da pílula anticoncepcional à oxicodona. O livro fala muito de opioides em todas as suas formas, desde a colheita pré-histórica da seiva da papoula até os atuais produtos sintéticos, mortiferamente poderosos. Os filhos do ópio merecem atenção graças à sua importância histórica (milhares de anos de refinamento e desenvolvimento iluminam boa parte da história da elaboração de remédios), à sua importância atual (como agentes da epidemia de vício e overdose), e também porque a história do ópio está repleta de personagens e relatos interessantes, de um genial

alquimista da Idade Média, passando por uma imperatriz chinesa desesperada, até um laboratório com um monte de químicos desacordados.

Leitores atentos talvez notem que o número de drogas em destaque não é exatamente dez. Alguns capítulos são focados em uma única substância química (como a sulfa), e outros tratam de uma família de produtos químicos (como as estatinas). Então não se preocupe com a contagem. Isso não importa.

O que importa é que ninguém pode escolher a lista definitiva das drogas mais importantes da história — seria inútil tentar fazê-lo —, então baseei as escolhas em minha opinião sobre a importância histórica de cada droga, além do seu valor de entretenimento. Escrevi num estilo que evita ao máximo o jargão científico a fim de privilegiar a legibilidade; prefiro histórias vívidas e personagens memoráveis. Isso pode desagradar os cientistas. Mas espero que você ache legal. Seja bem-vindo ao mundo das drogas.

1.

A planta da alegria

Imagine um caçador-coletor no Oriente Médio vagando por regiões recém-descobertas à procura da próxima refeição, experimentando este ou aquele inseto, animal ou planta. As sementes, de alto valor nutritivo, em geral valem a pena provar. E, com frequência, ao redor delas, há frutas e vagens. Nesse dia em particular, ele ou ela encontra uma área aberta com um trecho de plantas que chegam até a cintura, com uma cápsula verde-clara, cerosa, pesada, do tamanho de um punho, cheia de sementes.

Vale a pena experimentar. Uma cheirada. Uma mordidinha. Uma cara feia e uma cuspidinha. A polpa da cápsula é amarga de travar a boca, e isso é um mau sinal. Estamos programados para achar que coisas venenosas são amargas; é a maneira que a natureza criou de nos dizer o que devemos evitar. O amargor, em geral, significa dor de barriga ou algo pior.

Então o nosso explorador dá às costas às plantas com grandes cápsulas. E aí, uma hora ou duas depois, algo estranho acontece. Uma suave sonolência. A diminuição de alguma dor. Uma sensação de bem-estar. Uma conexão com os deuses. Era uma planta sagrada.

Pode ter começado assim. Ou pode ter sido quando um arguto humano pré-histórico percebeu algum animal alimentando-se das mesmas cápsulas e agindo de um jeito esquisito depois, também um sinal dos deuses de que aquela planta era poderosa.

Não sabemos exatamente como aconteceu, mas temos uma ideia de quando. O grande caso de amor entre os humanos e essa planta milagrosa começou há mais de 10 mil anos — antes de existirem cidades, agricultura, ciência, história. Quando as

primeiras cidades na Terra estavam se erguendo nos vales dos rios Eufrates e Tigre, as sementes dessas plantas sagradas eram ingeridas como se fossem comida, sua seiva amarga era utilizada como remédio, e suas virtudes eram celebradas em cânticos. Durante a escavação de um palácio de 4 mil anos, no que hoje é o noroeste da Síria, arqueólogos encontraram recentemente um cômodo estranho perto das cozinhas. Havia oito lareiras e várias panelas grandes, mas nenhum resíduo de comida. Em vez disso, acharam rastros de papoula, junto com heliotrópio, camomila e outras ervas medicinais. Seria essa uma das primeiras fábricas de remédio da História?

No centro dessas antigas atenções, a planta era uma variedade específica da papoula. As cápsulas contendo as sementes, em especial a seiva na parte externa, tinham efeitos tão poderosos, tão regeneradores, que pareciam quase sobrenaturais. Uma estatueta de terracota encontrada em Creta, datada em mais de 3 mil anos, mostra uma deusa com um adorno de cabeça no formato de cápsulas de sementes de papoula, com incisões semelhantes às que são feitas até hoje para extrair a seiva. “A deusa parece estar num estado de torpor induzido pelo ópio”, escreveu um historiador grego. “Está em êxtase, o prazer estampado no rosto, sem dúvida fruto das belas visões despertadas em sua imaginação pela ação da droga.” Alguns arqueólogos acreditam que o local onde a deusa foi encontrada era usado pelos minoicos para inalar os vapores da seiva da papoula seca.

Os gregos associavam a planta aos deuses do sono (Hipnos), da noite (Nix) e da morte (Tânatos), e gravavam a imagem dela em moedas, vasos, joias e túmulos. Nos mitos, consta que a deusa Deméter usou papoula para acalmar a própria dor após o rapto de sua filha, Perséfone. Oito séculos antes de Cristo, o poeta Hesíodo escreveu sobre uma cidade perto de Coríntio, na Grécia, chamada Mekonê, nome cuja tradução aproximada seria “Cidade da Papoula” e que, segundo alguns historiadores, deve-se aos vastos campos de papoula que a cercavam. Homero alude à planta na *Ilíada*; já na *Odisseia*, há um episódio em que Helena

prepara um sonífero, que muitos acreditam incluir seiva de papoula. Hipócrates mencionou várias vezes a papoula como um ingrediente para remédios. Fazia parte de rituais, era esculpida em estátuas e pintada em paredes de tumbas. Seca, era ingerida ou fumada, e era o mais poderoso remédio e o mais eficaz tranquilizante nos primórdios da humanidade. Hoje, é um dos medicamentos mais controversos que se conhece. É a droga mais importante já descoberta por humanos.

De certa maneira, é incrível que os primeiros humanos tenham descoberto drogas naturais. Pense que 95% das cerca de 300 mil espécies de plantas na Terra não são comestíveis por humanos. Saia de casa e comece a provar de forma aleatória as ervas no bosque mais próximo, e a chance é de vinte para um que você tenha uma convulsão, vomite ou morra. Entre as poucas plantas digeríveis, a chance de encontrar um remédio útil é quase zero.

E, no entanto, nossos ancestrais conseguiram. Por tentativa e erro, inspiração e observação, povos pré-históricos ao redor do mundo aos poucos encontraram e construíram um depósito de remédios naturais. Os primeiros curandeiros alimentavam-se e dependiam das ervas que cresciam perto de sua casa; no norte da Europa, entre as plantas eficazes, havia a raiz de mandrágora (útil para tudo, de problemas de estômago a tosse e insônia), heléboro-negro (um poderoso laxante), meimendo (para aliviar a dor e facilitar o sono) e beladona (para problemas de sono e visão). Outras drogas antigas, como a cannabis, viajavam por rotas de comércio partindo do Sul e do Leste. Muitos temperos intensamente procurados por comerciantes do Oriente Médio e da Ásia, como canela e pimenta, eram usados não apenas para dar sabor à comida, mas como remédio. Os primeiros curandeiros não só conheciam as ervas locais como sabiam a forma de utilizá-las. No século I d.C., Pedânio Dioscórides, um médico grego do exército de Nero, resumiu o que se sabia na sua época em *De materia medica*, obra em vários volumes, que foi um dos primeiros e mais importantes guias de medicamentos. Além de listar centenas de ervas e seus efeitos, Dioscórides descreveu

o modo de prepará-las e recomendou doses. Folhas podiam ser ressecadas, maceradas e adicionadas a poções que cozinhavam em fogo baixo; raízes podiam ser colhidas, limpas e amassadas para formar uma pasta, ou consumidas cruas. Algumas podiam ser misturadas com vinho, outras com água. Os remédios podiam ser ingeridos, bebidos, inalados, esfregados na pele ou inseridos como supositórios. O trabalho de Dioscórides orientou o uso de remédios por mais de mil anos.

Ele descreveu a papoula, resumiu seus efeitos e seus riscos: “Um pouquinho dela”, escreveu em *De materia medica*, “alivia a dor, dá sono, serve de digestivo, auxilia na tosse e nas aflições da cavidade abdominal. Se bebida com frequência, acaba prejudicando os homens (deixando-os letárgicos), e mata. É útil para dores, polvilhada com rosácea; para dor de ouvido, deve ser pingada junto com óleo de amêndoas, açafão e mirra. Para a inflamação nos olhos, deve ser usada com gema de ovo assada e açafão, e para erisipela e feridas, deve ser misturada com vinagre; mas, para a gota, com leite materno e açafão. Inserida com o dedo, como supositório, provoca sono”.

A planta e o seu suco mágico ganharam muitos nomes ao viajarem de uma cultura para a outra, do antigo sumério *hul gil*, “a planta da alegria”, ao chinês *ya pian* (de onde se deriva a expressão em inglês “to have a yen”, ou seja, “estar com desejo” de usar uma droga). A palavra grega para suco é “opion”, e daí deriva a palavra que hoje usamos para designar a droga bruta elaborada a partir da papoula: “ópio”.

Não dá para extrair ópio de qualquer papoula. Há 28 espécies de papoulas, que fazem parte do gênero botânico *Papaver*. A maioria são lindas flores silvestres que não produzem nada de ópio. Só duas das 28 produzem quantidades consideráveis da droga, e só uma delas cresce facilmente, é afetada por poucas pestes e não exige muita irrigação. O seu nome científico é *Papaver somniferum* (“somniferum” vem de Somnus, deus romano do sono). Essa planta, a papoula do ópio, ainda fornece quase todo o ópio natural usado no mundo.



© Wellcome Collection

Papoula do ópio (*Papaver somniferum*): flores brancas, cápsula de sementes, por M. A. Burnett.

Atualmente, pesquisadores debatem se esse tipo específico de papoula sempre teve tanto ópio ou se os primeiros humanos cultivaram e reproduziram a planta para lhe aumentar a quantidade da droga. Seja como for, cerca de 10 mil anos atrás, ela era cultivada quase da mesma maneira como hoje, e seu remédio era processado praticamente do mesmo modo.

Dois mil anos atrás, Dioscórides descreveu como extrair o suco. É algo incrivelmente simples: após um breve florescimento, caem as pétalas da papoula. Em poucos dias, a planta produz uma cápsula verde e cerosa que cresce até atingir o tamanho de um ovo de galinha. Os responsáveis pela extração observam atentamente enquanto a cápsula vai adquirindo uma tonalidade marrom opaca e, no momento certo, fazem uma série de cortes superficiais na sua pele. Dessas incisões sai o suco

mágico. A seiva produzida na parte externa da cápsula é a que tem a maior concentração da droga (sementes de papoula, muito usadas para cozinhar e temperar, contêm pouquíssimo ópio).

O suco fresco de papoula é aguado, esbranquiçado, turvo e quase completamente ineficaz. Mas após ficar exposto ao ar livre por algumas horas, vira um resíduo marrom grudento, que parece uma mistura de graxa de sapato com mel. É então que seus poderes medicinais são liberados. Esse resíduo é raspado da cápsula e moldado na forma de pequenos bolos pegajosos, que são em seguida fervidos para remover as impurezas, e o líquido resultante é evaporado. O sólido remanescente, ópio bruto, é enrolado em bolas. E essas bolotas escuras e pastosas mudaram a história. Antes do século XIX, as drogas eram mais do que apenas ervas secas nos armários de bruxas, curandeiros e padres. Elas eram processadas e combinadas de uma maneira meio terapêutica, meio mágica — fervidas em bebidas fermentadas e elixires, moldadas no formato de comprimidos, mescladas com tudo, desde pó de múmia e chifre de unicórnio a pó de pérolas e fezes ressecadas de tigres, e constituíam elaboradas poções para pacientes ricos.

O ópio era uma das substâncias mais estimadas. Podia ser dissolvido no vinho ou acrescentado a misturas com outros ingredientes. Não importava como você o tomasse, funcionava — pela boca, pelo nariz, pelo reto, fumado, bebido ou comido. Um método podia ser um pouco mais rápido do que o outro, mas independente do modo, tinha a mesma gama de efeitos: desde uma sensação de sonolência sonhadora até o alívio da dor.

O mais importante — uma espécie de bônus divino — é que deixava os pacientes felizes. Animava o espírito. Era mais do que apenas um remédio; era uma porta para o prazer. Como um historiador disse: “O ópio era atraente porque sempre acalmava o corpo enquanto romaneava a imaginação [...]. O desconforto físico e psíquico era substituído por esperança e uma calma profunda”. Era um pacote de efeitos realmente sedutor: alívio da dor, sensação de bem-estar, entusiasmo, um convite ao sonho. Os antigos usuários e curandeiros muitas vezes usavam a mesma

palavra para descrever seus efeitos: *euforia*. O ópio tornou possível suportar a dor da doença e dos ferimentos, possibilitando, ao mesmo tempo, o descanso. Era a ferramenta perfeita para os primeiros médicos (desde que usada com cautela; os primeiros curandeiros também sabiam que o excesso podia facilmente levar os pacientes do sono à morte).

Não é de estranhar que, com o tempo, o uso da droga tenha se espalhado pelo Oriente Médio e pelo mundo ocidental, dos sumérios aos assírios, depois aos babilônios e aos egípcios, e do Egito a Grécia, Roma e Europa Ocidental. Dizem que o melhor ópio da Antiguidade vinha da área em torno de Tebas; um texto médico egípcio registra o seu uso em setecentos remédios diferentes. Os exércitos de Alexandre, o Grande, levaram-no consigo à medida que iam conquistando territórios da Grécia ao Egito e à Índia, apresentando-o à população local conforme avançavam. As flores de papoula viraram símbolo tanto de sono temporário quanto permanente, e foram associadas aos deuses da sonolência, dos sonhos e da transformação, marcando a passagem da vida à morte.

A associação da papoula com a morte era mais do que poética. Desde o século III a.C., médicos gregos já estavam muito cientes de que o ópio era tão perigoso quanto eufórico, e debatiam se as vantagens do remédio compensavam os riscos aos pacientes. Os gregos se preocupavam com overdoses; também perceberam que, quando os pacientes começavam a usar o ópio, era difícil fazer com que parassem. Escreveram, assim, as primeiras descrições do vício.

Mas os benefícios do ópio pareciam superar em muito seus perigos. Nos séculos I e II d.C., quando Roma dominava o mundo, consta que o ópio era consumido tão amplamente quanto o vinho, e que era vendido nas ruas na forma de bolos de papoula — doces de massa crua e maleável, feita de ópio, açúcar, ovos, mel, farinha e suco de fruta —, usados para animar e aliviar as dores mais leves da população. Diz-se ainda que o imperador Marco Aurélio tomava ópio para dormir, e que o poeta Ovídio também era usuário.

Após a queda do Império Romano, o ópio encontrou novos mercados graças aos comerciantes árabes, que tornaram a substância — que era leve, fácil de transportar e valia seu peso em ouro para os compradores certos — uma parte comum das cargas das caravanas. Seu uso se espalhou então pela Índia, pela China e pelo norte da África. Um dos maiores médicos de sua época, Ibn Sīnā (chamado de Avicena no Ocidente), escreveu, por volta de 1000 d.C., que o ópio é uma das dádivas de Alá, pelas quais deveríamos agradecer todos os dias. Descreveu cuidadosamente os seus vários benefícios e perigos, como a possibilidade de causar problemas cognitivos e de memória, os efeitos de constipação e os riscos de overdose. O próprio Avicena viria a morrer ao administrar muito ópio pelo reto. A conclusão a que ele chegou em relação ao ópio, há mais de mil anos, é bastante similar à atitude que temos hoje: “Os médicos devem ser capazes de prever a duração e a severidade da dor, além da tolerância do paciente, e então pesar os riscos e benefícios de administrar o ópio”, escreveu, aconselhando utilizá-lo apenas como último recurso e, mesmo assim, recomendando que os médicos fizessem uso dele o mínimo possível. É provável que o próprio Avicena fosse um dos primeiros viciados em ópio.

Ele e outros médicos do mundo islâmico adicionaram o ópio em bolos, infusões, cataplasmas, emplastos, supositórios, cremes e líquidos. Na Idade Média, os médicos árabes eram os melhores fabricantes de remédios do mundo, expandindo bastante a arte de produzir drogas ao desenvolver o uso de filtração, destilação, sublimação e cristalização, tudo parte de uma prática chamada “al-chemie” (acredita-se que a palavra derive de *khem*, que significa “Egito”, podendo portanto significar, numa tradução livre, “a ciência egípcia”). A ideia básica da alquimia, como se tornou conhecida no Ocidente, era trabalhar com os materiais brutos da natureza e aperfeiçoá-los, a fim de ajudar as coisas naturais a evoluírem a partir do seu estado bruto, tornando-se formas mais puras e refinadas — para que pudessem liberar seus espíritos interiores puros (essa ideia está entranhada na língua

inglesa: a destilação alquímica dos vinhos e cervejas liberou as poderosas bebidas que chamamos de *spirits*, as destiladas). A alquimia foi, ao mesmo tempo, um método de elaborar itens úteis como remédios e perfumes, uma exploração do mundo natural e uma busca quase religiosa pela alma de todas as coisas.



© Wellcome Collection

Avicena mostrando a farmácia aos seus alunos.

Antigos escritos islâmicos deixaram claro que, embora o ópio fosse capaz de grandes coisas, também podia escravizar seus usuários. Esses manuscritos incluem ainda descrições de viciados em ópio com perigosas ilusões, lentidão, preguiça e diminuição das faculdades mentais. “Transforma um leão num besouro”, avisou um escritor, “torna um homem orgulhoso um covarde, e um homem saudável, doente.”

O uso europeu do ópio diminuiu após a queda de Roma e voltou a crescer quando os soldados que retornavam das Cruzadas trouxeram a droga da Terra Sagrada. Por volta do século XVI, era usado da Itália à Inglaterra para tratar tudo, de malária, cólera e histeria a gota, coceiras e dor nos dentes.

Entre os grandes impulsionadores do ópio encontra-se uma das figuras mais estranhas e fascinantes da história da medicina, um alquimista suíço e curandeiro revolucionário com o impressionante nome de Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim. Hoje é mais conhecido como Paracelso. Era uma criatura única, um gênio da medicina, em parte rebelde, em parte trapaceiro, um pouco místico, um pouco louco, uma personalidade exuberante que vagava de cidade em cidade pela Europa, com seu saco de remédios e instrumentos, carregando uma espada enorme, cujo pomo, segundo rumores, continha o Elixir da Vida. Chegava a determinada cidade, falava com os locais, exibia suas habilidades, curava os doentes, defendia novas teorias heréticas, pegava dicas com os curandeiros e atacava a medicina oficial da época. “No meu tempo, não havia médicos que curassem uma dor de dente, quem dirá doenças severas”, escreveu. “Busquei de forma ampla o conhecimento certo e experiente da arte [da medicina]. Não o busquei só entre médicos cultos: também questionei tosquiadores, barbeiros, sábios e sábias, exorcistas, alquimistas, monges, pessoas nobres e humildes.” Ele escutou, argumentou, aprendeu e aplicou as melhores ideias nos seus pacientes.



© Wellcome Collection

Retrato de Paracelso, de corpo inteiro.

Ao longo do caminho, escreveu vários livros, a maioria deles só foi publicada depois de sua morte. Foram redigidos num estilo que um historiador chamou de “muito difícil de ler e mais difícil ainda de entender”, uma mescla de símbolos alquímicos fantásticos e alusões mágicas, referências astrológicas e misticismo cristão, receitas médicas, inspirações divinas e rumações filosóficas. Mas, por baixo disso tudo, jazia um núcleo de ideias revolucionárias na medicina.

Paracelso achava que a maioria dos médicos eram “tagarelas arrogantes” que enriqueciam apenas papagaiando as velhas ideias emboloradas dos antigos, regurgitando a sabedoria transmitida pelas autoridades romanas, gregas e árabes, repetindo velhos erros. A isso, Paracelso ofereceu uma simples alternativa: quem de fato buscasse a sabedoria deveria ler o livro da natureza. Em vez de seguir cegamente velhos textos, escritos por autoridades do passado, ele acreditava que os médicos

deveriam basear-se no que vissem funcionando no mundo real, abrir-se às maravilhas que a natureza oferece, encontrar novas abordagens, usar novos remédios de novas maneiras, ver o que acontece, e então usar esse conhecimento para aprimorar a arte da cura.

Paracelso fez experiências com seus remédios, tentando novas misturas e vendo o que dava certo. (É importante notar que não se tratava de experiências no sentido da ciência moderna. Era algo mais na linha de “Isso aqui parece interessante. Vou tentar e ver o que acontece”.)

O seu maior sucesso era um comprimido preto misterioso e milagroso que parecia aliviar quase qualquer enfermidade. “Tenho um remédio secreto chamado láudano que é superior a qualquer outro remédio heroico”, escreveu por volta de 1530. Um dos seus contemporâneos recordou a história desta maneira: “Ele tinha comprimidos que chamava de láudano, que pareciam bolotas de cocô de rato, mas só os usava em casos de doenças extremas. Gabava-se de poder despertar os mortos com esses comprimidos, e com certeza provou o que dizia, pois pacientes que aparentavam estar mortos de repente se levantavam”.

O láudano de Paracelso tornou-se lendário. Agora conhecemos a sua receita secreta: cerca de um quarto de cada comprimido era ópio bruto; o resto, uma bela (e em boa parte ineficaz) mistura de meimendo, bezoar (uma massa sólida recolhida do intestino das vacas), âmbar, almíscar, pérolas e corais moídos, vários óleos, osso do coração de um veado e, para finalizar, uma pitada de chifre de unicórnio (ingrediente muito elogiado, e com certeza imaginário, que aparece em muitos remédios medievais; com frequência, o que se passava por “chifre de unicórnio” era uma presa de narval). A maioria dos efeitos do láudano vinha do ópio.

Paracelso tinha tanta certeza de suas opiniões, e mostrava-se tão seguro ao afirmar coisas como “Os médicos ignorantes são servos do inferno enviados para atormentar os enfermos”, ou quando queimou de forma ostensiva um dos livros de Avicena numa fogueira pública, que muitos o consideravam um fanfarrão

arrogante. Mas não era um charlatão. Foi, isso sim, um dos pais da farmacologia, um homem que sozinho ajudou a tirar os estudos de medicamentos da força da teoria antiga e os colocou em território mais moderno. Diz-se, por exemplo, que ele estudou o ópio usando-o em si mesmo e nos seus seguidores, e acompanhou os seus efeitos — uma prática de autoexperimentação que se tornaria comum entre médicos nos séculos seguintes.

Quando Paracelso morreu, em 1541, o apetite europeu pelo ópio estava crescendo. Solicitaram a Cristóvão Colombo que procurasse e trouxesse ópio de suas viagens de descoberta, como outros exploradores o fizeram: Giovanni Caboto, Fernão de Magalhães e Vasco da Gama. O motivo era que o ópio, ao contrário de muitos outros comprimidos e poções da Renascença, funcionava de fato. À medida que sua popularidade aumentava, os médicos iam descobrindo mais e mais maneiras de usá-lo. Algum médico muito inteligente dissolveu ópio numa solução com amora e cicuta, e então ferveu uma esponja do mar dentro da mistura. Quando umedecida e aquecida, essa “Esponja do Sono”, cheia de drogas, liberava vapores que aliviavam a dor e faziam que os pacientes dormissem, tornando o ópio um dos primeiros anestésicos. Melaço veneziano, uma mescla de ópio com até 62 outros ingredientes que iam de mel e açafão até carne de víbora, era usado para tratar tudo, de picada de cobra à peste. A popularidade do melaço foi tão grande que ajudou a criar a primeira regulamentação de drogas em Londres. Em 1540, Henrique VIII deu aos médicos o direito de entrar nas lojas dos boticários e denunciar os remédios perigosos ou ineficazes, inclusive o melaço. Em Londres, na época de Shakespeare, apenas um único homem tinha permissão de produzir melaço, e mesmo ele tinha de apresentar o produto à Faculdade de Medicina antes de vendê-lo.

Um problema que os primeiros médicos que usavam ópio enfrentavam é que nunca conseguiam saber quão forte era a droga. Como o ópio vinha de países diferentes, com métodos de processamento distintos, não dava para dizer o que exatamente

continha a bola que você recebia. O comprimido de um produtor de remédios podia conter duas, três ou cinquenta vezes a dose de um outro. Os médicos precisavam testar cada lote nos pacientes e torcer pelo melhor. Os pacientes pagavam o preço e se arriscavam.

Os primeiros passos para padronizar a droga foram dados nos anos 1600 por um renomado médico britânico, Thomas Sydenham. Sydenham era um grande fã do ópio e acreditava que essa substância divina era muito superior em suas propriedades de cura a qualquer coisa que os humanos jamais poderiam inventar por conta própria. Ele se tornou famoso pela sua tintura especial de ópio dissolvido com vinho, em que atenuava o amargor da droga acrescentando vinho do Porto doce, cravo e canela. O ópio líquido de Sydenham era mais fácil de tomar do que os comprimidos. Mas a coisa mais importante é que essa preparação podia ser mais ou menos padronizada: a quantidade de ópio em cada garrafa era distribuída de forma mais cuidadosa, as doses eram mais bem medidas. Sydenham fez fortuna vendendo esse ópio líquido, que ele chamava — talvez em homenagem a Paracelso — de “láudano”.



© Wellcome Collection
Retrato de Thomas Sydenham.

O láudano de Sydenham foi um sucesso, ampliado por sua própria divulgação; ele entoava suas virtudes de forma tão barulhenta que os seus amigos o apelidaram de “Dr. Opiófilo”. Com o aumento das vendas, também cresceu o interesse científico em mensurar seus efeitos com mais precisão. Pesquisadores britânicos como Christopher Wren e Gideon Harvey começaram a testar o ópio em cães e gatos, aprendendo quanto era preciso aplicar para atingir certos efeitos. Encontraram novas maneiras de auferir a potência e garantir a qualidade. Graças ao ópio, a medicina deixava de ser uma arte e se transformava em uma ciência.

O ópio também era usado por prazer. Um dos primeiros livros escritos em inglês especificamente acerca da droga foi *The Mysteries of Opium Revealed* [Os mistérios do ópio revelados], publicado em 1700 pelo dr. John Jones. Jones contou aos leitores que a droga não apenas tirava a ansiedade como também era boa

para “Prontidão, Serenidade, Força de Vontade e Rapidez em Executar e Cuidar dos Negócios... Aclamação do Espírito, Coragem, Desprezo ao Perigo e Magnanimidade... Satisfação, Aquiescência, Contentamento, Equanimidade”, e assim por diante. O ópio despertava sentimentos como “um refresco delicioso e extraordinário dos espíritos ao receber uma boa notícia ou qualquer outra causa de alegria”. Comparou ainda seus efeitos a um orgasmo permanente. Ele soava como um viciado em ópio.

O uso do ópio para alterar o humor, em vez de aliviar a dor, atingiu todos os estratos sociais. Em 23 de março de 1773, por exemplo, o famoso diarista James Boswell escreveu: “Tomei café da manhã com o dr. Johnson, cujo espírito pesado de ontem tinha se aliviado porque ele tomara ópio na noite anterior”. A droga estava sendo usada para mitigar a depressão.

Usos de toda espécie iam surgindo, junto a uma avalanche de novos remédios à base de ópio que apareceram no final do século XVIII, com nomes como Pó de Dover, Gotas para Tremedeira e Comprimidos Pacíficos do Dr. Bates. Podiam ser facilmente comprados dos médicos, em farmácias locais e até em mercearias — sem receita. Como não havia leis para limitar o uso dos medicamentos, o ópio se espalhou por toda parte.

O público europeu ansiava por ópio. Era a época da Revolução Industrial, e a população cada vez maior de operários enfrentava condições de trabalho terríveis nas fábricas. Funcionários mal remunerados viviam em favelas e precisavam de algo que lhes desse um alívio barato. Gim era uma opção, ópio era a outra.

Sua popularidade cresceu de mãos dadas com as mudanças nos padrões das doenças. A tuberculose era um exemplo: centros industriais em expansão, abarrotados de pessoas, eram terrenos férteis para doenças epidêmicas como a tuberculose, que matava aos poucos e deixava as vítimas numa agonia que só podia ser atenuada pelo ópio. E havia o cólera, transportado pela água poluída e extremamente contagioso, outra doença que cresceu com as favelas. O cólera matava por meio de uma

diarreia descontrolada. Afortunadamente, um dos mais notáveis efeitos colaterais do ópio era certa tendência a causar constipação; seu uso em pacientes com cólera salvou vidas, além de tranquilizar os moribundos. Entre os usuários mais fiéis da droga, encontrava-se um número crescente de prostitutas, que tomavam láudano para aliviar as dores diárias da profissão, para enfrentar os sintomas de doenças venéreas e para serenar o desespero. Às vezes introduziam o hábito aos clientes. Outras vezes usavam a droga para se matar. Médicos atuavam como promotores de venda do ópio, oferecendo-o aos pacientes, e ganhavam bastante dinheiro com isso. Boticários e químicos sabiam que os remédios com ópio estariam sempre entre os mais vendidos, e faziam propagandas pensando nisso.

E esta era a questão do ópio: dependendo de como e quando era usado, podia ser um analgésico ou uma droga recreativa, podia salvar vidas ou ser um meio de se matar. Era tão popular na Europa Ocidental que pelo fim do século XVIII alguns historiadores o ligaram ao surgimento da Era Romântica, com sua ênfase na espontaneidade e na experiência pessoal, seu relaxamento moral, seus arroubos de grandeza e fantasias oníricas. É com certeza verdade que muitos dos principais artistas e políticos dessa época, de Byron e Berlioz a Jorge IV e Napoleão, usavam a droga em maior ou menor medida. Percy Shelley, embriagado de ópio, uma vez irrompeu no quarto de Mary Wollstonecraft Godwin (por quem ele estava loucamente apaixonado, embora fosse casado com outra mulher na época) com uma pistola numa mão e uma garrafa de láudano na outra, declarando: “A morte irá nos unir”. Viveram o bastante para se casar; a meia-irmã de Mary, no entanto, morreu de overdose de láudano em 1814. Keats bebia doses hercúleas. Samuel Taylor Coleridge e Thomas de Quincey eram totalmente viciados.

“A literatura do século XIX está calcada no láudano”, escreveu um historiador. E o seu apelo se espalhou para muito além da intelligentsia. Em meados do século, o ópio era tão barato quanto o gim, e mais disponível na Grã-Bretanha do que o tabaco. As mulheres o tomavam como maneira de romper o

tédio de suas vidas, e davam às crianças para lhe aliviar a fome e fazê-las parar de chorar. Homens usavam para aplacar as dores e esquecer os problemas. Se sobrava um pouco, davam aos animais da fazenda para ajudar a engordá-los para o mercado.

Uma região rural isolada e pantanosa na Inglaterra, a Fenland, tornou-se infame como o reino da papoula. A malária, com suas febres recorrentes, era comum lá, assim como o reumatismo e a sezão. Quinino (um remédio para malária feito da casca de uma árvore da América do Sul) era caro demais para os fazendeiros locais, e também para os médicos. Os fazendeiros pobres recorriam ao ópio não apenas como remédio, mas, como notou um observador, “para tirar o usuário da lama de Fenland e da chatice da vida no campo”. Um médico visitou a área em 1863 e escreveu: “Um homem pode ser visto ocasionalmente adormecido no campo, apoiado na enxada. Toma um susto quando alguém se aproxima, então se põe a trabalhar com vigor por um tempo. Um homem toma seu comprimido como medida preliminar antes de começar um trabalho árduo, e muitos só bebem cerveja com uma gotinha de ópio dentro”.

Isso era considerado um vício relativamente inofensivo, com certeza menos perigoso do que bebidas alcoólicas. Para cada história envolvendo algum bebê envenenado acidentalmente por excesso de xarope tranquilizante de ópio, havia outras de usuários de longa data que estavam bem. Vendedores de ópio nos anos 1850 contavam a anedota de uma mulher de oitenta anos de idade que tomara quinze mililitros de láudano todos os dias por quarenta anos, sem qualquer efeito colateral. E a própria Florence Nightingale, a Dama da Lâmpada, o grande símbolo da enfermagem, por acaso não usava às vezes a droga? Claro que sim. Ela usaria se o ópio fizesse mal à saúde? As vendas de ópio na Grã-Bretanha aumentaram de 4% para 8% ao ano entre 1825 e 1850. Para alimentar esse hábito nacional em expansão, britânicos encorajaram plantações de papoula na Índia, que logo se tornou a fonte de boa parte do fornecimento mundial. A Companhia das Índias entrou no negócio de transportar ópio pelo mundo. Muitos fizeram fortuna cultivando, processando,